

PLANO PARA A REINSTALAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DA ATIVIDADE DE TURISMO DE PESCA ESPORTIVA

OFICINA DE TREINAMENTO DE GUIAS DE PESCA INDÍGENAS (OGPIs)

**EMPRESA DE ENERGIA SÃO MANOEL (EESM) &
ALEC KRÜSE ZEINAD - ME**



São Manoel
ENERGIA

Pesca Esportiva

Desde o início da humanidade a pesca vem sendo praticada como atividade de subsistência. Com o passar dos anos, o Homem moderno foi modificando o seu modo de vida e sua relação com o meio ambiente. Com essas mudanças a pesca assumiu valores diferentes e passou a representar, além de um meio de subsistência, uma importante alternativa de lazer. Daí ser considerada um esporte e se tornar parte de um segmento econômico foi só questão de tempo.

O ato de pescar e soltar não significa deixar de ter o peixe como alimento, mas sim sentir emoção ao pescar, pela disputa, pelo domínio das técnicas, ou seja, pela arte de pescar. Levar poucos, soltar muitos e sentir prazer é um bom lema para sustentar o esporte.

Hoje a Pesca Esportiva pode ser considerada uma grande paixão mundial. O crescimento desse esporte e do segmento, como gerador de recursos, é expressivo em muitos países. O trabalho sério e consciente feito em países como os Estados Unidos tem proporcionado o desenvolvimento acelerado desse setor, que, em 1997, movimentou recursos da ordem de US\$ 48 bilhões, ou seja, 100 vezes mais que o Brasil atualmente, passados quase 20 anos!

Com uma área de 8,5 milhões de km², recortados pela maior rede hidrográfica do mundo (Bacia Amazônica), um litoral com mais de 7.500 km de extensão, muitas áreas de manguezais (10.000 km²), um clima tropical favorável e uma grande variedade de peixes, o Brasil possui todos os recursos naturais necessários e pré-requisitos para ter uma Pesca Esportiva das mais desenvolvidas do mundo, capaz de atrair turistas de todos os países, gerar recursos que poderiam ser utilizados na melhoria das estruturas hoteleiras, das condições do meio ambiente e do nível social. Se bem conduzida, a Pesca Esportiva no Brasil movimentará cada vez mais dinheiro, contribuindo para melhorar a distribuição de renda, com mais lucro, melhores salários, condições de trabalho, além de ajudar na conservação e preservação do meio ambiente, já que sem ele é inútil fazer um treinamento para guias de pesca, pois, no futuro, se nada for feito, poderemos ter somente a pesca virtual, operada nos computadores.

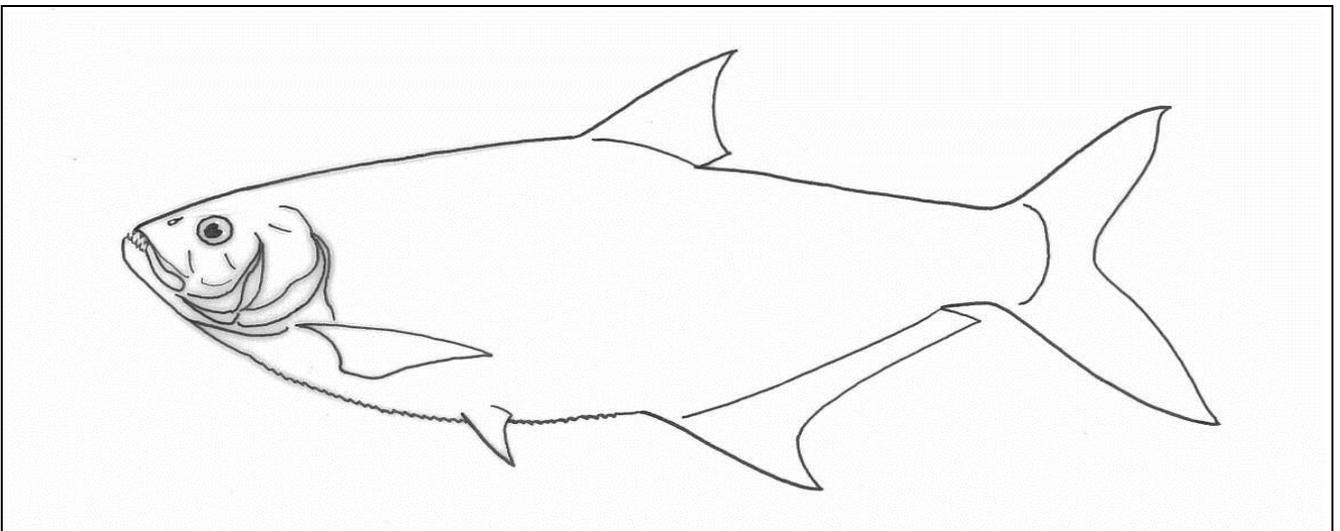
O papel do guia de pesca indígena é fundamental, considerando que é ele quem passa mais tempo com o turista. O guia é um elemento muito importante, pois, se executar bem a sua função, garante em boa parte a satisfação e o retorno do seu cliente: o "Turista da Pesca Esportiva".

BIOLOGIA

O que são Peixes?

Os peixes fazem parte do grupo dos seres vivos chamados animais. De maneira geral, os animais são seres vivos incapazes de produzir o próprio alimento, necessitando consumir outros animais ou seres vivos tais como as plantas e suas partes. O imenso grupo dos animais pode ser dividido basicamente em dois grandes subgrupos: o dos animais invertebrados e os animais vertebrados. O grupo dos invertebrados é formado por animais pequenos e com organização muito simples, e o enorme grupo dos animais com esqueleto externo articulado (os artrópodes, que incluem os insetos, aranhas e escorpiões, caranguejos e camarões, as centopéias e lacraias), até os animais como os polvos e lulas. Este é o maior grupo de animais que vive em nosso planeta.

Por outro lado existe o grupo dos animais vertebrados, que são identificados por apresentarem, entre outras características, um esqueleto interno com a presença de um crânio e coluna vertebral. Dentro do grupo dos animais vertebrados existem cinco subgrupos diferentes: peixes, anfíbios (sapos e pererecas), répteis (cobras, lagartos, tartarugas e jacarés), aves (animais com penas e capazes de voar), e os mamíferos (que incluem as baleias, botos, ariranhas, morcegos e o próprio homem).



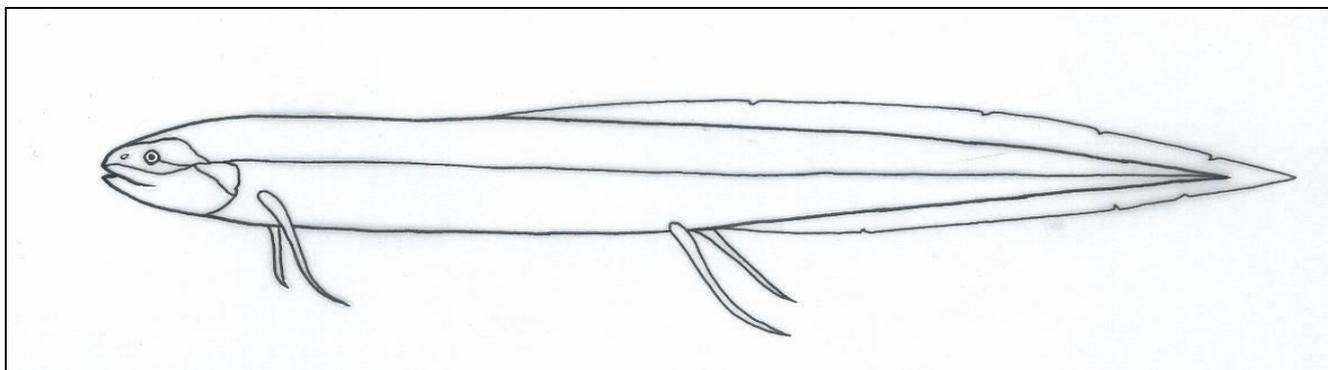
Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

Os peixes apresentam determinadas características próprias que os diferenciam dos demais grupos de vertebrados. A temperatura do corpo é sempre igual a do ambiente em que se encontram, e por este motivo só ficam ativos quando a temperatura está adequada (Animais Ectotérmicos). A respiração é feita por meio das brânquias, ou guelras, de onde retiram o oxigênio dissolvido na água (Contudo existem peixes com órgãos respiratórios auxiliares, como as tuviras, sarapós, o pirarucu, o mussum). A locomoção é feita por meio de barbatanas ou nadadeiras e o corpo geralmente é recoberto por escamas, mas existem peixes revestidos por placas ósseas, como os cascudos, ou

uma pele grossa conhecida vulgarmente por “couro”, nos chamados peixes lisos/feras. É preciso lembrar que, para definir um peixe, é preciso que estas características estejam todas presentes num único animal, pois se estiverem isoladas não servem para definir este grupo de animais. Por exemplo, os répteis e os anfíbios também têm temperatura igual a do ambiente e alguns anfíbios respiraram por brânquias.

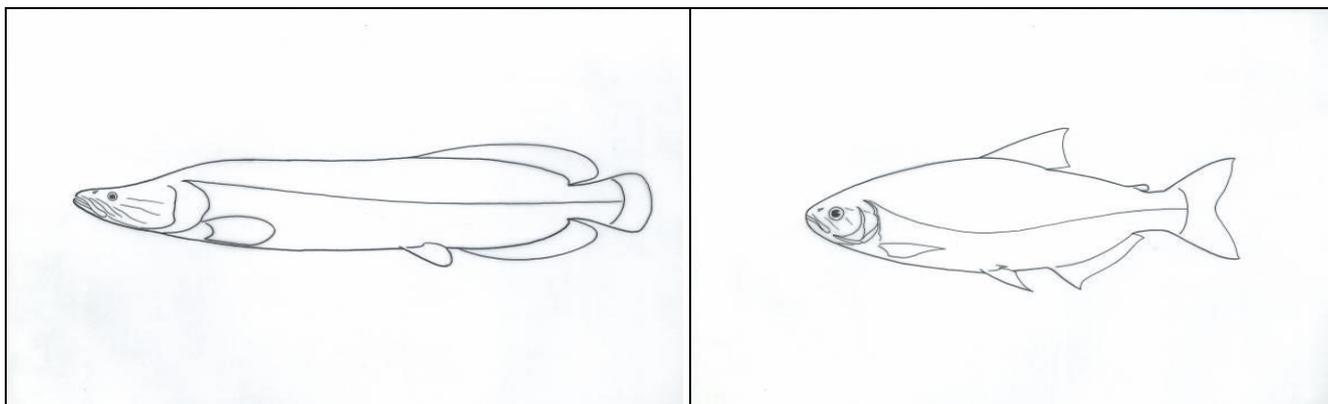
Diversidade de peixes de água doce no Brasil

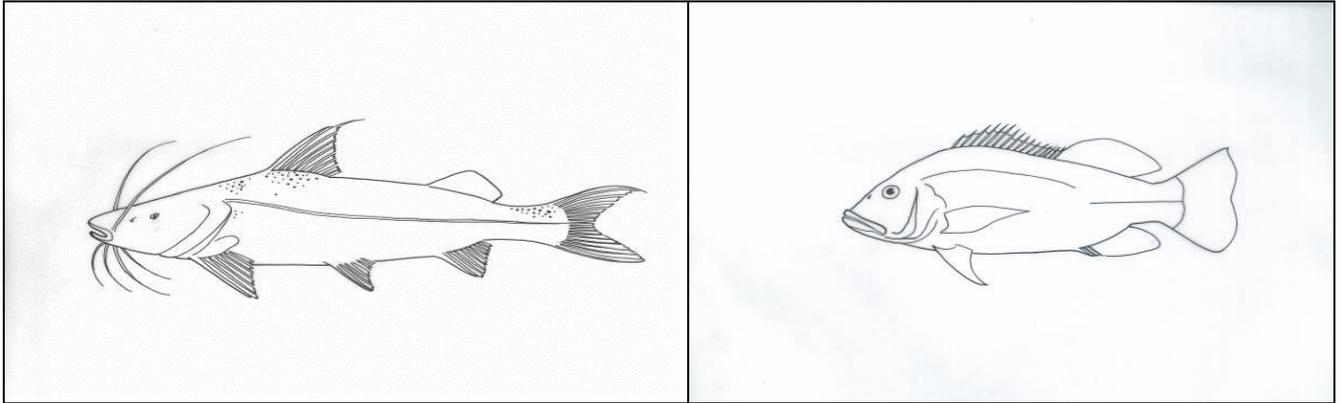
Existem no Brasil mais de 2.600 espécies cientificamente registradas no país nos ecossistemas de água doce (rios, lagos e lagoas). No ambiente marinho existem 1.300 espécies registradas sendo que a diversidade destes peixes que ocorrem no Brasil não é tão significativa, mas na água doce não há lugar no mundo com tanta riqueza de espécies.



Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

Os peixes que ocorrem nas águas doces brasileiras pertencem a 5 grupos principais: o do pirarucu e aruanãs, os apapás e manjubas, as cachorras, matrinxãs, lambaris, aracus, pacus e piranhas (a maioria dos peixes de escama), os ituí, sarapós e tuviras e os peixes de couro, liso ou feras, além desses também há o grupo dos tucunarés e acarás.

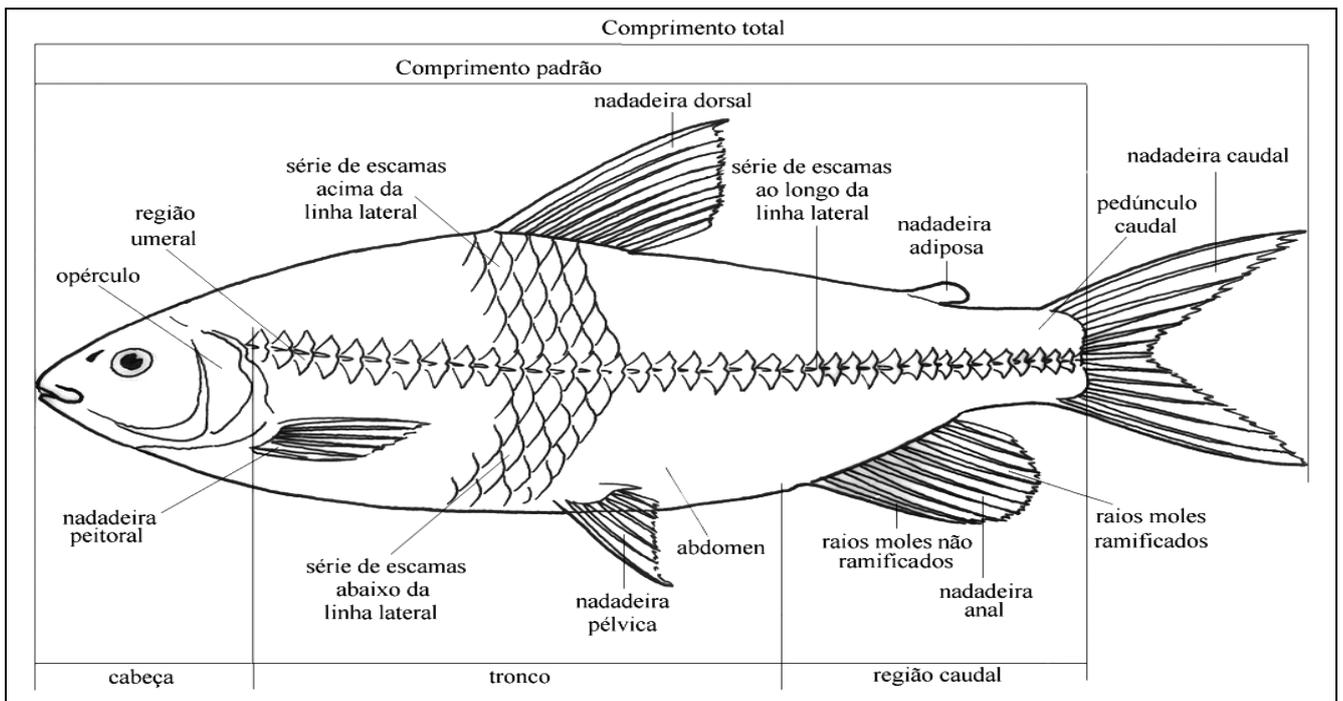




Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

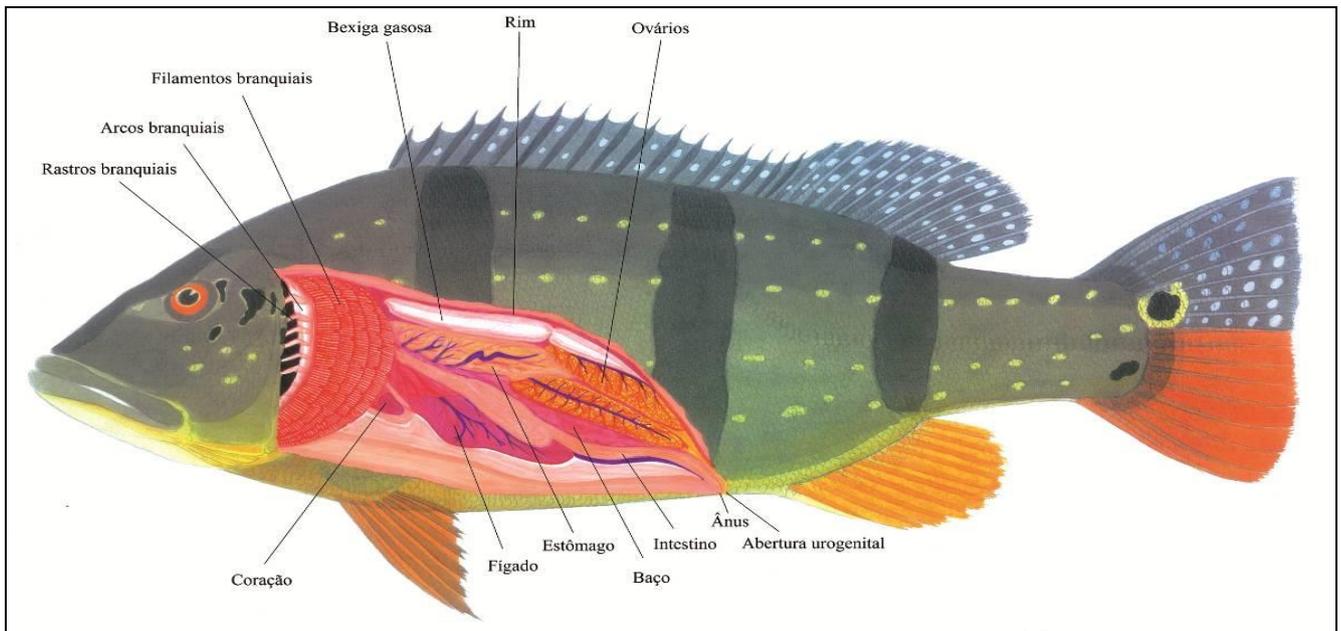
Anatomia Externa e Interna

Os peixes são animais que vivem constantemente dentro da água e nela respiram, comem, nadam e se reproduzem. O formato do corpo é determinado principalmente pelo esqueleto da cabeça, do tronco e da cauda, revestido pelo tecido muscular mais as nadadeiras. Pode se aprender muito sobre a biologia das espécies apenas observando-se o formato geral do seu corpo, nadadeiras e orientação da boca. O formato do corpo e a posição da boca podem indicar se o peixe vive na coluna d'água, no fundo ou em meio a estruturas como troncos e rochas, se nadam mais rapidamente ou lentamente etc. A posição da boca também pode informar se o peixe se alimenta na coluna d'água, na superfície ou no fundo. Isto fornece informações preciosas para o guia, auxilia no sucesso da pescaria e também no ato de soltar os peixes com maiores chances de sobrevivência.



Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

Os peixes têm o corpo dividido em quatro partes: cabeça, tronco, região da cauda e as nadadeiras. A cabeça é a região mais importante do corpo pois abriga o cérebro, dentro da caixa craniana, que é responsável por comandar todo o funcionamento do organismo, com o auxílio dos hormônios. Os hormônios são produzidos em uma série de glândulas espalhadas pelo corpo do peixe. Também na cabeça é onde se encontram as brânquias, ou guelras responsáveis pela respiração; na cabeça também se concentram importantes órgãos dos sentidos como a visão, ouvido interno, narinas e o paladar, que pode ser percebido na boca, região anterior da cabeça e nos barbilhões, presentes em quase todas as espécies de bagres. O tato é sentido ao longo de todo o corpo do peixe. Na região anterior da cabeça se localiza a boca, por onde o peixe inspira água para respirar; é pela boca também por onde os peixes capturam e engolem os alimentos. Portanto é na cabeça onde começa o trato digestório. A boca geralmente está ornada com dentes que servem para prender, cortar, rasgar e/ou triturar os alimentos dependendo do tipo do peixe e da comida. A piranha têm dentes que servem para cortar; a cachorra tem longos dentes usados para espetar, os tucunarés têm dentes pequenos reunidos em placas que servem para prender as presas; as piavas e aracus têm dentes especializados para raspar e triturar; o pacu e o tambaqui têm dentes para quebrar caroços e sementes.



Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

No tronco estão presentes as vísceras, que compõe os chamados órgãos internos. Na parte anterior ligada à cabeça começa o trato digestivo propriamente dito. O esôfago leva o alimento diretamente para o estômago. Após a passagem do alimento pelo estômago, que inicia o processo de digestão, ele é direcionado para o intestino que vai processar a digestão e absorção da maior parte dos alimentos. Órgãos acessórios como o fígado e o pâncreas participam do processo de digestão. A parte final do intestino é responsável pela absorção de água e formação das fezes.

O sistema circulatório está intimamente relacionado com o respiratório, no caso as guelras. O coração bombeia o sangue, que chega do corpo por uma grande veia e sai por uma artéria que se divide em oito ramos para a irrigação das brânquias. Nas brânquias o sangue se distribui por toda sua extensão até as lamelas, lugar onde ocorrem as trocas gasosas.

Na porção superior da cavidade abdominal, embaixo dos rins, encontra-se a bexiga natatória. Este órgão apresenta geralmente forma de saco, que muitas vezes lembra um saco plástico transparente, e tem como principal função ajudar na flutuação do corpo. Em algumas espécies, como o pirarucu e a pirambóia, a bexiga natatória pode funcionar como órgão respiratório semelhante a um pulmão.

Complementando os órgãos internos, existe um órgão par situado na porção posterior da cavidade abdominal com participação na reprodução, as chamadas gônadas. Elas são as responsáveis pela produção das células germinativas: os espermatozóides e ovócitos. As gônadas femininas são denominadas ovários e as masculinas, testículos.

A região da cauda está situada logo após o tronco. Ela é constituída basicamente pela região posterior da coluna vertebral, que nesta porção é recoberta por músculos, mais o sistema de revestimento composto pela pele e as escamas e/ou "couro". A região da cauda participa ativamente do processo de natação e, na maioria das espécies de peixes, é responsável pela propulsão do corpo por meio da nadadeira caudal.

Complementando o corpo dos peixes, encontram-se as nadadeiras ou barbatanas, que constituem seu quarto componente. Elas estão dispostas ao longo do corpo e têm como principal função o deslocamento destes animais no meio líquido.

Externamente o corpo dos peixes pode ser revestido por escamas, placas ósseas, ou uma camada de pele bem grossa chamada vulgarmente de couro. Têm a função de melhorar a hidrodinâmica, facilitando seu deslocamento dentro da água, e também como proteção adicional, assim como o muco que recobre externamente o corpo de todas as espécies de peixes.

PESQUE E SOLTE

Por que praticar o pesque-e-solte?

A princípio, soltar os peixes pode parecer um absurdo. Às vezes é difícil realizar uma boa pescaria, ou capturar um grande peixe, e depois você ter de soltá-lo(s)! Embora muitas vezes incompreendido, o ato do pescar e soltar é um aliado dos pescadores e principalmente dos guias de pesca, hotéis e pousadas que trabalham neste ramo do turismo. A pesca amadora também contribui para a diminuição da quantidade de peixes. Por isso é necessário que o guia de pesca se conscientize de que a matança indiscriminada de peixes, tanto pequenos como grandes, contribuirá cada vez mais para a diminuição dos peixes e seus cardumes, dificultando cada vez mais a atividade do turismo de pesca. Levar alguns peixes para comer é um direito de todos, desde que esteja dentro das leis, respeitando os tamanhos mínimos e a cota de captura da região e com a licença de pesca em dia.

Durante a pescaria observe os peixes que apresentam ferimentos mais graves, selecione estes peixes para o turista levar para casa ou comer no local da pescaria. Continue com a pescaria, capturando e devolvendo à água os demais peixes que apresentarão maior capacidade de sobrevivência. Não solte somente os pequenos exemplares, com tamanho abaixo da medida mínima de captura, como também os grandes peixes, que se tornam cada vez mais raros e difíceis de pescar. É preciso respeitar as futuras gerações e começar a repensar e agir diferente. É importante soltar os peixes pequenos, mas os grandes também, pois eles é que atraem os pescadores!

A prática moderna do pesque-e-solte trouxe para os pescadores amadores e guias de pesca um novo conceito, o da pesca esportiva. Ela pode ser definida como a pesca realizada por pessoas que apreciam estar em contato com a natureza e praticam disputam com os peixes todo o seu conhecimento e técnica. Hoje estes turistas valorizam muito mais estar no meio ambiente, o passeio e ficar junto com os amigos que a captura dos peixes em si. Como, então, não há necessidade de se levar um monte de peixes para casa, então é mais fácil soltar a maioria dos peixes pescados. O guia pode sugerir que os pescadores registrem o seu feito tirando fotografias ou filmando os peixes capturados pescados. Uma recordação que vai ficar para sempre. Depois os peixes serão devolvidos ao seu ambiente com muito respeito, da maneira correta. Experimente e sugira aos pescadores o ato de soltar os peixes, principalmente os grandes exemplares. É emoção na certa!

Qual é a maneira correta de pescar e soltar os peixes?

1. Planejamento ao preparar o equipamento

O equipamento deve estar equilibrado na medida adequada a proporcionar emoção ao pescador, e ao mesmo tempo não levar o peixe à exaustão, por alongar demasiadamente o tempo da briga.

Dessa maneira o pescador estará sempre colocando à prova suas habilidades e o peixe poderá ser libertado com grandes chances de sobreviver.

Dimensionamento das varas, linhas e carretilhas/molinetes

A escolha correta do material é fundamental para o sucesso da pescaria e para garantir maiores chances de sobrevivência para os peixes. As linhas devem ser um pouco mais grossas e resistentes que o necessário, para evitar que se quebrem durante a briga (deixando que o peixe fuja com o anzol ou isca artificial pendurada na boca ou no corpo), e para trazer o peixe um pouco mais rápido para o pescador, diminuindo o estresse causado pela captura.

A escolha da vara também é importante pois uma vara muito flexível mole, ou lenta, dependendo da ocasião, pode aumentar bastante o tempo de briga com o peixe. Varas muito duras também não são ideais no caso de peixes com boca muito mole ou frágil, já que podem causar grandes ferimentos durante a briga. Portanto, é preciso escolher a vara mais adequada de acordo com a boca do peixe. Espécies com boca mole requerem vara de ação lenta, enquanto que para as de boca mais dura, uma vara de ação rápida ajudará a cravar o anzol com maior facilidade.

A escolha entre molinete ou carretilha é muito pessoal, e já que o nível tecnológico que tais equipamentos alcançaram os tornam apropriados às mais diversas situações de pesca. Porém diferenças existem e devem ser ressaltadas: no quesito força de tração, para peixes muito fortes, a carretilha leva vantagem, enquanto que o molinete ganha em precisão e distância dos arremessos.

Anzóis sem farpa, *circle hook*, anzóis de rápida corrosão

Existem hoje no mercado anzóis especiais para a prática do pesque-e-solte, como os modelos que são comercializados já sem a farpa, que facilita a retirada do anzol sem causar maiores ferimentos ao peixe fisgado, e também facilita a retirada do anzol, no caso do pescador ou guia de pesca se espetar. O anzol circular (*circle hook*) é muito eficiente ao fisgar os peixes na região do canto da boca (“canivete”), sem comprometer órgãos mais sensíveis às fisgadas como a língua, esôfago e guelras (brânquias).



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

Iscas artificiais x iscas naturais

Em muitas ocasiões a isca artificial pode ser usada para substituir a pesca com iscas naturais. Diversos estudos comprovaram que, apesar da aparência, as iscas artificiais munidas com garatéias são menos prejudiciais que um só anzol iscado com isca natural. Uma vez que as garatéias possuem três pontas, a chance de se fisgar o peixe na região da boca é bem maior, causando assim ferimentos em uma região composta principalmente por pele e ossos, que não possui muitos vasos sanguíneos. O anzol simples iscado com isca natural normalmente é engolido mais facilmente, podendo se prender à parte inicial do trato digestivo e ou regiões com grande número de vasos sanguíneos, como a base da língua e as guelras. Isto causa um maior número de feridas que podem levar o peixe solto à morte.

Equipamento para segurar o peixe (manipulação): alicate de contenção, bicheiro, *bogagrip*, puçá, luvas





Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

Existem várias formas/métodos para retirar o peixe da água, que variam de acordo com o tipo de peixe, suas características físicas (anatomia externa) e condições de pesca. É sempre bom ter mais de uma opção já que o fator surpresa é comum durante uma pescaria. O uso correto dos equipamentos também influencia muito na sobrevivência do peixe que vai ser solto. O bom senso e a experiência contam muito na escolha da melhor ferramenta e forma para embarcar e manusear.

Mãos

Segurar o peixe de maneira firme e com as mãos é uma boa forma de manipular o peixe. Infelizmente nem todos sabem a maneira correta de segurar determinado peixe e manuseá-lo, causando mais problemas que benefícios. Também é difícil segurar alguns peixes com as mãos sendo que, em alguns casos, o pescador precisará usar ferramentas especiais.

O maior problema em segurar os peixes com as mãos é o contato com o muco protetor que reveste o corpo dos peixes. O muco deixa o peixe escorregadio e facilita que escape das mãos e caia, o que não é nada recomendável. A melhor maneira de segurar um peixe com as mãos é prender a mandíbula (parte inferior da boca) com o polegar e o indicador de uma das mãos (no caso de peixes sem dentes, ou com dentes pequenos e que não machuquem a mão do pescador) e com a outra segurar firmemente no pedúnculo caudal (região que está antes da cauda). Para retirar a menor quantidade possível de muco, molhe as mãos antes de segurar o peixe. Peixes pequenos podem ser apanhados somente com uma das mãos, de maneira mais fácil. Cuidado com os raios duros, espinhos e ferrões!

Alicate de contenção

É uma excelente ferramenta. A desvantagem é que não pode ser usado em peixes com dentição pontiaguda e protuberante, pois fica fácil quebrar os dentes. Por não ter uma balança acoplada, é

preciso retirar o peixe do alicate e colocar na balança, arriscando-se a deixar o peixe cair. No entanto, é um equipamento indispensável.

Boga grip

O sistema de pinça que aperta conforme o peso, além da balança acoplada que já informa o peso dos animais, é fantástico! Hoje existem muitos similares nacionais, sendo que alguns são muito bons. Apresenta como única desvantagem o fato de que a pinça segura o peixe pela mandíbula por um único e pequeno ponto, impedindo que se segure o peixe pela cabeça de modo firme. Isto dá mobilidade ao peixe, que pode se balançar bastante e se machucar. Peixes onde o "queixo" (sínfise mandibular) não é ossificado pode parti-lo, prejudicando sua sobrevivência.

Bicheiro

É possível usá-lo no pesque-e-solte, desde que seja utilizado de forma correta e com muito critério. Deve ser colocado de dentro para fora da boca, passando sempre pela mandíbula na região logo atrás do "queixo". O peixe será então suspenso pelo maxilar inferior e manuseado. Exige muito cuidado no manuseio para o pescador não se ferir ou ferir alguém a bordo. É recomendável colocar um pedaço de borracha ou rolha na ponta enquanto o bicheiro não está sendo usado.

Puçá

É um dos equipamentos mais tradicionais no manuseio de peixes, assim como as mãos e o bicheiro. Tem que se tomar cuidado já que retira muito muco do corpo do peixe, bem como escamas, machucando muito o animal.

Luvax

Muito utilizada na pesca de alto-mar para segurar grandes peixes, também pode ser usada para o manuseio de peixes menores, sem dentição pontiaguda. A desvantagem é que retira muito muco do corpo e não deve ser usada na boca de peixes com dentes grandes e pontiagudos. É muito usada para segurar peixes com pele abrasiva, como cações e tubarões de pequeno e médio porte.

Quais os fatores que podem influenciar a sobrevivência do peixe?

1. Tempo de manipulação (estresse)

É evidente que ao ser retirado da água, o peixe não estará confortável. Ele é retirado de seu meio natural, a água, o que lhe causa bastante desconforto e traz riscos para sua vida. O melhor a fazer é mantê-lo fora da água o menor tempo possível. Mesmo assim, algumas poucas espécies podem se estressar bastante e, portanto, deve se evitar retirá-las da água.

2. Falta de oxigênio (Anóxia)

A falta de oxigênio é um fator muito relevante para as espécies de peixes que exigem maior teor de oxigênio dissolvido, como os que vivem em cachoeiras e corredeiras e na coluna d'água. Exemplos são as cachorras, bicudas e apapás na água doce. Sugere-se que estes peixes sejam mantidos sempre na água, ou o maior tempo possível. Retirá-los só por breves períodos, nunca ultrapassando mais que 20 a 30 segundos.

3. Compressão de órgãos internos e vasos sanguíneos (Fator peso)

Como os peixes vivem no meio líquido, água, existe a ação constante de uma força chamada de empuxo. Você pode comprovar a existência desta força quando carrega dentro da água um objeto pesado que carregaria com muita dificuldade fora da água. Desta forma seus órgãos internos e sistemas estão preparados para funcionar no meio aquático. Ao retirá-lo da água estas forças deixam de atuar, provavelmente trazendo sensações "desagradáveis" aos peixes. Fatos como a compressão dos órgãos internos, além do fechamento de pequenos vasos sanguíneos que apresentam a parede mais fina, podem ocorrer em maior ou menor grau dependendo da espécie de peixe manuseada. Por isso recomenda-se manter o peixe na posição horizontal, ou seja, a mesma que ocupa quando está na água. Evite mantê-lo com a cabeça ou a cauda para cima ou para baixo. Pequenos vasos sanguíneos situados nestas extremidades podem se romper, causando sangramentos pequenos (micro hemorragias) que podem levá-lo à morte.

4. Ressecamento da pele

Em muitas espécies, o muco protetor que envolve o corpo dos peixes resseca com facilidade, perdendo a sua função. O muco funciona como uma camada que aumenta a hidrodinâmica do peixe, reduzindo o atrito, além de atuar como barreira para a entrada de doenças. Portanto, evite manusear o peixe com as mãos secas e deixá-lo durante longos períodos fora da água. Molhar o peixe que está fora da água pode ser uma boa providência para evitar o ressecamento da pele.

Como segurar e soltar o peixe?

1. Posição para segurar: horizontal

Fora d'água

Mantenha o peixe sempre na posição horizontal ao segurá-lo fora da água. Segure a cabeça e o corpo firmemente. Esteja preparado porque o peixe pode se debater.

Dentro d'água

Para manusear peixes grandes, muitas vezes a melhor opção é mantê-lo manuseá-lo dentro da água. O peixe deve ser mantido total ou parcialmente dentro d'água, com a cabeça segura de alguma forma, pelas mãos, bicheiro ou *boga grip*, trabalho que deve ser executado sempre pelo guia de pesca. Manter o barco em leve movimento para a frente ajuda o peixe a respirar, uma vez que oxigena as guelras, diminuindo seu estresse. Se o pescador estiver pescando na margem, como por exemplo na beira de um grande poço, grandes peixes também podem ser manipulados dentro da água. Se estiver próximo à uma área segura, com água rasa e com pouca correnteza, leve os grandes peixes fisdados até lá para retirar o anzol, tirar fotos/filmar e liberar o animal. Cuidado com os espinhos e os dentes de algumas espécies de peixes.

2. Embarque

Se o peixe for muito grande, o guia de pesca pode usar a borda do barco para apoiar o peixe a fim de tirar os anzóis. Isto pode ser feito com a ajuda de um grande bicheiro, introduzido da maneira correta, apoiando o peixe pela parte inferior da cabeça. Fique atento para manter a boca do peixe sempre aberta para facilitar o manuseio.

3. Soltura

Posição e local para soltura

Escolha sempre uma região com águas calmas para soltar os peixes. A força da água às vezes é muito forte e pode carregar um peixe cansado, deixando-o à mercê de pequenos e grandes predadores. O guia de pesca deve esperar, ou aconselhar o pescador, que o peixe se recupere antes de liberá-lo. Não tenha pressa em soltá-lo, espere que esteja bem, com todos os reflexos em ordem. Se o peixe for pescado em um rio aponte sempre sua cabeça para a direção da corrente de água, de onde ela vem, porque ao passar pelas brânquias a água ajudará a aumentar a oxigenação e diminuirá o tempo de recuperação. Só libere o peixe quando este fizer uma boa força para tentar se soltar. Evite manter o peixe preso por muito tempo para não aumentar o estresse.

Tempo para a soltura

Dependendo da espécie de peixe e de suas condições físicas gerais, os peixes podem requerer maior ou menor tempo para se recuperarem após serem pescados. A intensidade da briga também contará muito nesta hora, assim como o tempo que o peixe for mantido fora da água. Lembre-se que uma briga mais curta e menor tempo de exposição ao ar, aumentam a chance de sobrevivência e diminuem consideravelmente seu tempo de recuperação.

DICAS RÁPIDAS PARA O PESQUE-E-SOLTE

- Pescar com anzol sem farpa facilita na hora de soltar os peixes;
- Usar equipamentos equilibrados, ou seja, não muito leves para apanhar grandes peixes. Um grande exemplar capturado com material leve pode exigir um grande tempo de briga que pode ocasionar sua morte por exaustão. Reforce um pouco mais o equipamento para diminuir o tempo de briga e assim garantir que o peixe poderá sobreviver depois de solto;
- Manter o peixe sempre na horizontal, como se estivesse dentro da água, para não comprimir os órgãos internos, o que pode causar a morte de espécies mais sensíveis à captura e manuseio;
- Não retirar o muco protetor do corpo dos peixes. Ele evita o contágio por certos tipos de doenças e garante uma melhor hidrodinâmica ao peixe. Não use panos, toalhas ou papéis para segurar o peixe. Manuseie os peixes sempre com as mãos molhadas;
- Utilizar alicate de contenção ou do tipo *bogagrip* para retirar o(s) anzol(óis), segurando o peixe pela boca é uma boa opção. Isso evita maiores danos tanto ao peixe quanto ao pescador e menor contato no manuseio. Quando usar bicheiro, colocá-lo na parte inferior da boca, de dentro para fora, encaixando na parte interna do "queixo". Ao usar alicates e bicheiros, tome cuidado para não quebrar dentes, perfurar ou espremer a língua e as guelras dos peixes. Embarcar os peixes com puçás ou com as próprias mãos, desde que estejam molhados;
- Não manter o peixe fora da água por muito tempo, apenas o suficiente para tirar o(s) anzól(is) e fazer algumas fotografias. Se o peixe for muito grande, evite tirá-lo todo fora da água. Agache na borda da embarcação, ou entre na água se for possível, para manuseá-lo e tirar fotos ou filmar, garantindo melhor sua sobrevivência;
- Não aperte ou fure a língua e guelras dos peixes, que são muito frágeis e possuem importante irrigação sanguínea. Ao capturar um peixe, se ele sangrar muito, opte por sacrificá-lo e soltar os demais peixes que não apresentarem sangramentos. Solte o peixe com cuidado segurando-o pela cauda e apoiando pelo ventre, esperando que se recupere até conseguir nadar normalmente. Evite segurá-lo pela boca ou com as mãos sobre os opérculos. Deixe a cabeça e boca livres para o peixe poder respirar sozinho. Tente soltar o peixe em água calma o mais próximo possível do local da captura.

ISCAS ARTIFICIAIS

No Brasil a produção de iscas cresce dia após dia, tanto daquelas que imitam peixes (plugues) até as iscas de borracha (plásticas) que imitam minhocas e camarões e as iscas de metal que não se parecem com nenhum tipo de alimento entre outras. Nossas iscas são tão boas quanto as importadas e prova disso é o fato de que elas estão exportadas para países com grande tradição na pesca como Argentina, Austrália e EUA.

Normalmente as espécies de peixes mais procuradas pelos pescadores que usam iscas artificiais são aquelas consideradas predadoras carnívoras, que costumam se alimentar de outros seres vivos, principalmente outros peixes, insetos e crustáceos, e são bastante agressivas quando estão com apetite ou defendendo seus filhotes (e áreas de reprodução) ou o território onde vivem.

Por isso quando se utiliza iscas artificiais, o pescador deve tentar reproduzir o que acontece na natureza, dando vida às iscas para que se pareçam com um ser vivo ou algo animado e com isso desperte o instinto do peixe em atacar a isca. Outros fatores podem despertar a vontade dos peixes atacarem uma isca artificial além da fome, tais como curiosidade, proteção de território, reflexo e competitividade entre outros.

No que se refere ao uso de iscas artificiais, três regras são básicas para um bom resultado:

A - Arremesso: na maioria das vezes um arremesso fora da área de ação do peixe será perdido. Como a idéia é reproduzir a situação encontrada na natureza, ou de algo que simplesmente desperte a vontade de atacar, o arremesso deverá ser feito no local onde a espécie que está sendo pescada, costuma se alimentar ou atacar, em seu raio de ação.

B - Ação da isca: muitos são os modelos e ações das iscas artificiais. Uma mesma isca poderá ser trabalhada de maneiras diferentes. Conhecê-las e experimentá-las é uma das chaves para o sucesso. Às vezes basta mudar um pouco a ação para despertar no peixe a vontade de atacar. Isto pode ser tentado principalmente quando o pescador observa o peixe seguir a isca sem atacá-la.

C - Variedade: é fundamental o pescador ter em mente que o peixe nem sempre ataca qualquer isca artificial. Experimentar iscas de ações diferentes, que trabalham em profundidades distintas, com cores variadas e em velocidades alternadas, faz com que o peixe ataque a isca naquele momento e, com isso o pescador ganha eficiência na pescaria. Muitas vezes basta mudar a cor de um determinado modelo de isca com certo tipo de ação, para despertar no peixe a vontade de atacar.

Para facilitar o entendimento do universo das iscas artificiais, vamos dividi-las em quatro grandes grupos: Superfície, Meia Água, Fundo e Metálicas.

SUPERFÍCIE

As iscas de superfície são trabalhadas basicamente na superfície da água, atraindo o peixe não só pelo movimento, mas também pelo barulho e vibração que produzem quando são movimentadas. Podem ter barulho interno (chocalho ou *rattlin*) ou ser maciça e fazer som apenas segundo sua ação. Muitas vezes os peixes preferem iscas menos barulhentas; em outras, quanto mais barulho melhor!



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

1. Zaras, *jumping baits* / 2. Hélices / 3. *Poppers* / 4. *Sticks*

MEIA ÁGUA

Normalmente são iscas que imitam peixes dotados de barbelas, que se parecem com um tipo de “língua”, de metal ou plástico, e que atraem o peixe pelo movimento que executam abaixo da linha da água, normalmente apresentado um nado natural ou com maior ou menor vibração.



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

1. Barbelas curtas / 2. Barbelas longas / 3. Rattlin

FUNDO

Como o próprio nome diz, são trabalhadas em grandes profundidades, muitas vezes próximas ao fundo. Algumas dessas iscas podem, dependendo da forma de recolhimento, serem trabalhadas na meia água ou até na superfície.



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

1. *Jigs* / 2. *Jig heads*: Grubs, Shads, camarões / 3. Minhocas artificiais, Salamandras, *Crawds*

METÁLICAS

São iscas bastante atrativas, não só pelo movimento vibratório como pelos reflexos do metal. Podem se parecer com um peixe ou não se parecer com nenhum tipo de alimento natural.



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

1. Colheres / 2. *Metal jigs* / 3. *Spinners* / 4. *Spinnerbaits* / 5. *Buzzbaits*

EQUIPAMENTOS

Existem diversos tipos de equipamentos que servem para o mesmo propósito, ou seja, capturar peixes. Desta forma os equipamentos podem ser divididos em dois grandes grupos: aqueles usados para pescar com iscas artificiais como os conjuntos de molinete ou carretilha (*baitcasting*) ou a pesca com mosca (*fly fishing*). Na pesca com *fly* (mosca), as iscas artificiais são feitas com pêlos, penas, materiais sintéticos como isopor, EVA, madeira balsa e até pequenas quantidades de metal. Normalmente as iscas são confeccionadas com materiais muito leves e quando são arremessados não conseguem “puxar” a linha como no caso da pesca convencional realizada com iscas naturais ou artificiais (plugues), que tem peso e quando são arremessadas levam a linha junto “de carona”. Na pesca com mosca quem tem peso é a linha e esta é que é arremessada, levando a isca de “carona” ou “de reboque”.

Conferindo o Equipamento

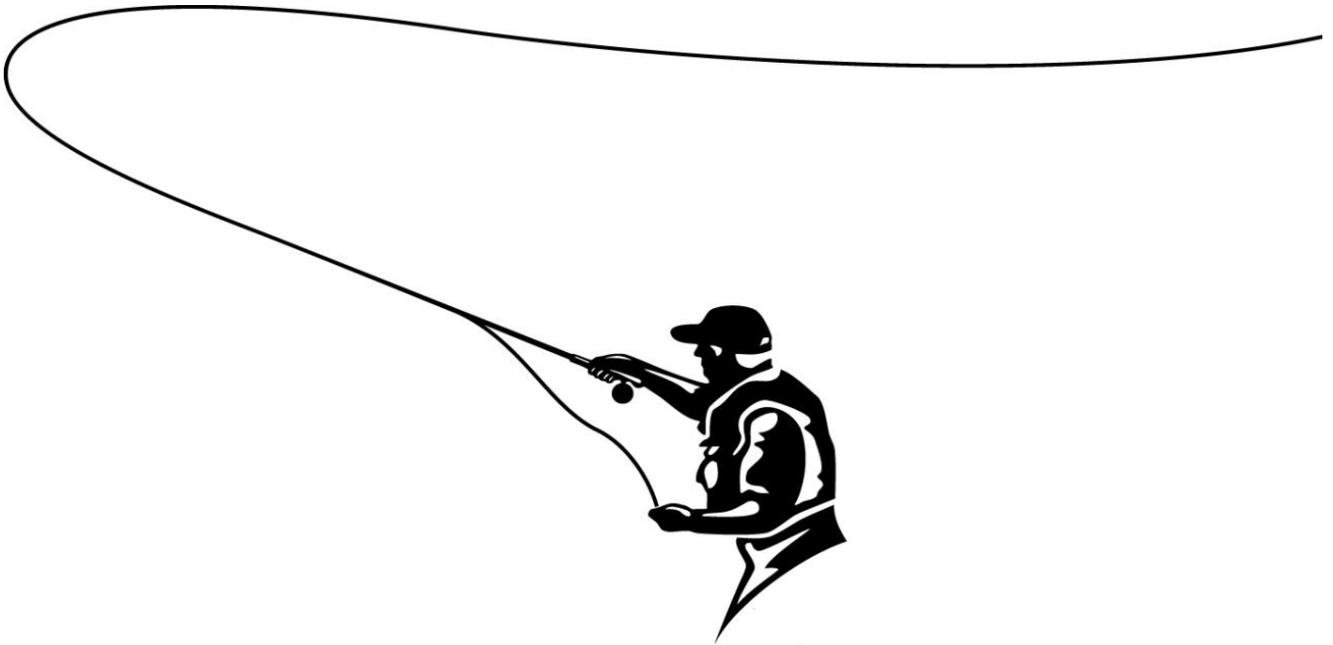
A seguir são listados alguns itens importantes com relação ao equipamento de pesca, fáceis de checar, e que podem garantir muito sucesso na pescaria:

- Verifique sempre o estado geral da vara de pesca. Veja se não há falhas no corpo, rachaduras, quebras etc. É bom também verificar os passadores que, após o uso prolongado, ou no caso de um equipamento velho e bastante usado, costumam apresentar rachaduras, sulcos e estrias internas causadas pelo atrito da linha. Nesses casos, é melhor optar por outra vara e levar esta a

uma oficina especializada para trocar os passadores. Estão excluídos dessa vistoria, os passadores de ligas especiais, como de titânio. Jamais coloque a vara no chão, sob risco de alguém pisar em cima;

- As linhas são submetidas constantemente a grandes esforços e, portanto, precisam ser trocadas com frequência, especialmente na pesca de tucunarés que exigem muito deste componente. Verifique sempre o estado geral das linhas, principalmente os metros iniciais. Veja se não há partes marcadas ou raladas, como aquelas provocadas pelo atrito com rochas ou troncos. Linhas velhas devem ser trocadas imediatamente, sob o risco de se quebrarem com facilidade. Os líderes também devem ser verificados. No caso de pesca com iscas artificiais, em meio a obstáculos como pedras, troncos e galhadas, é melhor trocar o líder a cada dia de pescaria.
- Os anzóis e garatéias precisam estar sempre bem afiados para garantir uma maior eficiência das fisgadas. É importante ter à mão anzóis novos e uma boa lima para afiá-los sempre que for preciso. Nunca misture anzóis usados e enferrujados com anzóis novos. Existem muitos modelos e marcas que são afiados quimicamente e a ferrugem pode comprometer os demais anzóis do pacote. Nunca se esqueça de amassar a farpa dos anzóis, principalmente dos pescadores novatos e inexperientes, já que as chances de ocorrer um acidente são maiores e, principalmente, machucar menos os peixes que serão soltos.
- As carretilhas e molinetes devem estar sempre limpos e lubrificados. Eles garantem bons arremessos. Apesar de se pescar na água doce, o pH muito ácido da água do rio Teles Pires pode corroer principalmente os rolamentos e partes de metal que ficam molhadas por mais tempo, por isso a manutenção é fundamental. A fricção deve estar trabalhando perfeitamente, impedindo a quebra da linha. Nunca, em hipótese alguma, coloque o molinete ou carretilha no chão, sobre a areia ou a terra, que são inimigas desses aparelhos podendo comprometer seu bom funcionamento e até estragar a pescaria.
- Sempre que possível, lave bem e lubrifique os apetrechos de pesca. Não os deixe ao sol quando não for necessário. Após as pescarias, lave os equipamentos (tirando restos de peixe, escamas, iscas, terra, areia etc.) com sabão ou detergente neutro e água, e deixe-os secando na sombra.

Pesca com Mosca ou *Fly Fishing*



Fonte: Curso de *Fly Fishing* de Gerson Kavamoto

Esta modalidade é sem sombra de dúvida muito esportiva e a mais antiga na pesca com iscas artificiais. Inicialmente foi utilizada na pesca de trutas e salmões, evoluindo depois para outros tipos de peixes. Hoje em dia é possível pescar com “moscas” praticamente todos os tipos de peixes, desde os predadores carnívoros, herbívoros e até os onívoros.

No Brasil com sua ictiofauna riquíssima (mais de 2.600 espécies na água doce e 1.300 na água salgada), as possibilidades de se pescar com “moscas” é muito grande e rende excelentes pescarias. Devido à falta de literatura em português e a ausência até recentemente de equipamentos apropriados para esta modalidade nas lojas de pesca, o esporte evoluiu muito lentamente no Brasil.

O que caracteriza o arremesso de mosca, que o difere de todas as outras modalidades de pesca, é que a linha é arremessada devido ao seu peso e volume, e na realidade a “mosca” só pega “carona” na linha. Nas outras modalidades é o peso da chumbada, anzol e isca ou a isca artificial, que leva a linha, quase sem peso, até o alvo. Por isso, quanto mais leve e menos volumosa for a mosca, mais fácil será arremessá-la.

RELACIONAMENTO

O relacionamento entre o cliente pescador e o guia de pesca é um dos pontos mais importantes para o sucesso de uma operação de pesca. É com o guia que o turista passa a maior parte do tempo e dele depende grande parte do sucesso da pescaria.

A relação entre o guia e o cliente pode ser decisiva para que o pescador sinta vontade de retornar à operação/destino, mesmo que a pesca não seja das melhores. Lembre-se destas questões quando sair para levar seu cliente para pescar.

APRESENTAÇÃO E COMPORTAMENTO DO GUIA DE PESCA

É bom lembrar que o cliente passa a maior parte do tempo da pescaria junto com o guia. Dele o turista espera segurança, amizade, orientação, informação e ajuda, para tornar sua pesca melhor, mais produtiva e agradável.

Se o cliente não se sentir à vontade, não interagir bem com o guia de pesca, os dias se tornarão muito desgastantes e a experiência desagradável, deixando que a pescaria deixe de ser uma viagem boa e relaxante para se transformar em momentos que deverão ser esquecidos. E desta forma o cliente também passará a falar mal da operação, o que não é nada bom e desejável.

Para o guia o ato de sair para pescar pode se tornar rotina, mas não se pode esquecer que o cliente vem sonhando com este momento, muitas vezes por meses e até anos, então espera que tudo funcione bem e dê certo. Por isso o guia deve estar sempre disposto e alegre, pensando em realizar um sonho. Não estrague este momento mágico!

É natural que o guia seja um apaixonado pela pescaria, e tenha vontade de pescar todos os dias, mas precisa entender que sua função não é se divertir, mas sim trabalhar e atender o turista da melhor forma possível e fazer com que ele pesque bastante, com qualidade, a maior quantidade de peixes possível e de exemplares de qualidade. Lembre-se que o cliente pagou muito caro para estar pescando naquela semana. Cabe ao guia respeitar e compreender que este momento é de lazer para o turista e não para ele!

O cliente espera que o guia possa ajudá-lo e orientá-lo durante sua estada num lugar muito especial, muitas vezes quase inacessível, e onde pode encontrar uma natureza farta e bela, praticamente virgem, com a possibilidade de se fisgar bons peixes.

Jamais pesque com o cliente, mesmo no caso dele insistir! O guia deve ficar atento ao trabalho, cuidando da segurança e colaborando da melhor forma para que o pescador faça a pescaria de sua vida. Não cabe ao guia pescar para mostrar como se faz, isto pode se virar contra e ao invés de incentivar pode desestimular o pescador. Na média, o guia sempre pescará muito melhor que o turista. Não caia na besteira de tentar medir forças.

Como o primeiro contato do pescador com o guia é visual, vale a pena cuidar da aparência, que vai desde limpeza, cabelo e barba aparados e arrumados, com a roupa em ordem e no modo de ser, que deve ser assertivo, transmitindo tranquilidade, alegria, confiança e segurança!

Abaixo são transmitidas algumas dicas que parecem comuns e conhecidas, mas que vale a pena repetir:

CUIDADOS COM A HIGIENE

- O cabelo deve estar sempre cortado ou penteado;
- A barba deve estar feita ou bem cuidada
- Ao tossir leve a mão á boca, use um lenço ou simplesmente vire o rosto para o outro lado;
- O ato de cuspir, arrotar alto ou soltar gases por querer é total falta de educação;
- Lave as mãos com frequência; se for fumante lave as mãos com maior frequência e lave-as bem depois de mexer com produtos com cheiro forte como gasolina, repelente, protetor solar etc.

CONVERSAÇÃO

- Não faça piadas ou gozações. O humor é uma arte difícil. Mesmo que o pescador ache engraçado evite entrar no jogo;
- Não procure agradar excessivamente já que pode parecer bajulação;
- Procurar ler o que puder, desde revistas, jornais e outros já que quanto mais informação tiver, mais fácil será conversar;
- O linguajar deve ser respeitoso, correto, claro e objetivo;
- O que não foi entendido deve ser perguntado novamente. Não se deve ter vergonha de não saber tudo. É melhor dizer "não sei" do que querer enganar ou contar mentiras;
- Durante a conversa evite críticas, questões polêmicas e comentários à parte;
- Valorizar, elogiando os peixes e a pescaria do turista, é bem melhor do que comparar o peixe dele com o de outros pescadores;
- Deve-se falar com emoção, naturalidade, clareza, simpatia e sentimento;

- O tom de voz não deve ser muito alto;
- O guia deve estar sempre atento à conversa e demonstrar interesse;
- Não fale muito, apenas o necessário ou quando for interpelado.

COMPORTAMENTO

- Jamais fique sentado ao ser apresentado a alguém;
- A expressão "você" é a forma de se tratar pessoas da mesma idade. "Senhor" ou "Senhora" é mais educado ao falar com pessoas mais velhas ou desconhecidas;
- Nunca peça cigarros ao cliente;
- O guia de pesca está a trabalho e jamais deve beber qualquer bebida alcoólica no exercício de sua função. Como o pescador está de férias, ele pode beber;
- Evite bocejar na frente das pessoas;
- Nunca se deve falar mal do colega de trabalho para os hóspedes. A sensação é desagradável e deprecia muito a estrutura de pesca;
- O barco deve estar sempre limpo e seco, abastecido com combustível, gelo e bebidas;
- O horário de saída para a pescaria tem que ser respeitado com rigor. O guia deve chegar sempre antes do pescador para coordenar e organizar tudo e estar completamente pronto para o momento que seu cliente chegar;
- Ajude o pescador a carregar a tralha de pesca e se ofereça para montá-la, estes são sinais claros de interesse e demonstra parceria;
- Oriente sempre o turista de forma educada, pedindo sua permissão;
- No caso do pescador jogar lixo na água, mesmo que por descuido, o guia não deve falar nada, mas sim retornar o barco pegar e guardar o lixo. O exemplo é bem melhor que a discussão;
- Sempre leve um saco de lixo a bordo para que nada fique no barco ou no local de parada para um banho ou refeição;

Um hóspede satisfeito com o serviço de seu guia de pesca não só retornará, como também o indicará para os amigos e futuros clientes, além de recomendar a estrutura de pesca, levando o projeto a obter cada vez mais sucesso!